

# Empresariedade

Douglas Gomes Filho atua há 18 anos no setor contábil, é especialista em gestão de negócios e planejamento tributário, diretor da DGA Office Contabilidade Empresarial de Sorocaba e também consultor da Federação das Indústrias de São Paulo – Fiesp. Na instituição trata de todos os assuntos que envolvam questões fiscais e contábeis empresariais. A seguir, ele faz uma análise do cenário nacional e dá dicas preciosas para quem pensa em abrir um negócio.

**South Place** - Qual o cenário empresarial brasileiro hoje?

**Douglas Gomes Filho** - Considerando os dados que tenho do estado de São Paulo, a projeção para o Brasil deve ficar muito próxima. Segundo o Departamento de Economia da Fiesp, temos no estado de São Paulo, em torno de 80.000 empresas, sendo: 78% - micro empresas; 17% - pequenas empresas; 4% - médias empresas; 1% - grandes empresas.

Em termos tributários a realidade é inversa, 1% são as grandes empresas, responsáveis por mais de 60% da arrecadação do governo. Porém, as micro e pequenas empresas são as que mais geram emprego, sendo elas as principais fontes de distribuição de renda no país. Por isso, há a necessidade de uma política tributária e jurídica especial a esta categoria.

**SP** - O governo tem facilitado a abertura e sobrevivência dos pequenos ou continua priorizando os maiores?

**Douglas** - Existe um esforço conjunto dos poderes municipais, estaduais e federais para desburocratizar e diminuir os custos de processo de abertura de uma nova empresa, o que em médio prazo deverá ajudar a diminuir o chamado custo Brasil. No que tange a sobrevivência vemos um movimento contrário, todas as mudanças propostas pelo governo afetam diretamente o caixa das empresas, aumentando a carga tributária com a intenção de aumento de arrecadação. Além do custo direto dos impostos abusivos, existe um emaranhado de obrigações acessórias a serem cumpridas, dificultando a vida dos empresários.

**SP** - Há projetos na Câmara ou no Senado neste sentido?

**Douglas** - Um dos últimos projetos aprovados foi o novo modelo de tributação chamado "Simples Nacional" ou "Super Simples" o qual tive oportunidade de avaliar, criticar e sugerir mudanças, através DEMPI (Departamento da Média e Pequena Indústria – Fiesp) sobre a proposta original apresentada pelo SEBRAE. Em nosso grupo de estudos, sugerimos uma drástica simplificação,



Douglas Gomes Filho

mantendo o que há de bom no sistema existente (SIMPLES) e modernizando alguns entraves burocráticos. Infelizmente, o projeto acabou se desvirtuando e o governo aproveitou, mais uma vez, para usurpar os contribuintes. Aquilo que nasceu com o intuito de simplificar e modernizar acabou complicando e burocratizando. Claro que veremos alguns pequenos benefícios que, como sempre, o governo usa para dissuadir a maioria da população, fazendo-os acreditar que seus projetos são benéficos, escondendo assim as verdades por trás de suas manobras.

**SP** - Na sua opinião, o Estado deveria intervir mais ou menos na economia nacional?

**Douglas** - Quanto menos o Estado intervir, melhor a economia se comporta. Prova disso é o fortalecimento da economia brasileira mesmo diante da crise institucional que vivemos. Graças a esse divórcio com o executivo é que o Brasil se sustenta. O Estado é ineficiente na grande maioria da sua rede de atuação. Há eficiência na máquina do Estado quando envolve arrecadação e desorganização quando se trata de gastos. As famigeradas reformas (Previdência, Legislação Trabalhista, Tributária) são fundamentais para o crescimento sustentado do Brasil, pois nenhum país do mundo se fortalece sem instituições equilibradas. Devemos, como empresários e cidadãos, nos preocupar mais com a administração

dos gastos no governo. Pagamos muito e temos pouco.

**SP** - A disputa fiscal entre os estados é uma forma democrática e legítima de atrair investimentos ou pode ser maléfica para as regiões e os empreendedores locais?

*Empresa nova é como um filho: precisa de cuidados específicos, orientações e suporte.*

**Douglas** - Legítima sim, democrática e moral não. Essa disputa usando artifícios legais para manipular a legislação e, conseqüentemente, a arrecadação de tributos é insensata. Além de legítima e democrática, a disputa deve se manter no nível de propostas de infra-estrutura dos estados para atrair investimentos e não através da barganha de impostos. Um país que internamente tem esse tipo de comportamento fomenta o clientelismo, a cartelização e a corrupção, caminhando no sentido contrário da economia mundial, onde países se associam criando condições iguais de mercado para a troca saudável entre eles. Essa política de manutenção dos estados pela disputa fiscal atrai oportunistas ao invés de investidores, o que prejudica a economia local.

A lei deveria ser uniforme, observando-se apenas condições extremamente específicas de determinadas regiões, para que os empresários e as corporações dediquem sua energia no desenvolvimento do próprio negócio e não para o malabarismo da economia tributária.

**SP** - A crise dos Estados Unidos pode complicar a vida do empresário nacional? E de quem quer começar um pequeno negócio?

**Douglas** - Em uma economia globalizada, sempre que um grande espirra, o pequeno fica gripado. Porém, o empresariado brasileiro é criativo e sempre encontra maneiras de sobrevivência. A maior dificuldade do pequeno negócio não está na economia interligada globalmente. Outros aspectos mais importantes fazem parte do grande índice de mortalidade dessas empresas.

**SP** - Há quais instituições é possível recorrer quando se está começando um pequeno negócio?

**Douglas** - As instituições de classe sempre têm boas informações a respeito dos negócios que representam. O empresariado brasileiro não tem a cultura do associativismo, enxergando os demais do setor como concorrentes, porém é um ledor engano. Uma empresa nova é como um filho: precisa de cuidados específicos, orientações e suporte. E a única maneira de se ter essa estrutura quando se é pequeno é através das associações de classe. Outro profissional pouco explorado é o contador, que pode e deve ser um orientador do empresário que está começando. Henry Ford dizia que um grande empresário deve ter um bom contador ao seu lado.

**SP** - Com a sua experiência, qual o setor você indica? (indústria,

comércio, serviços)?

**Douglas** - O melhor setor é aquele que o empresário tem familiaridade. Conhecimento e fluência naquilo que se objetiva fazer é a maneira mais oportuna e com maior chance de sucesso. O resto é trabalho, empenho, dedicação e perseverança.

**SP** - Independente da área de atuação, qual o passo-a-passo na hora de investir em um negócio?

**Douglas** - Primeiro: Planejamento e Avaliação - faça um plano de negócios e discuta cada detalhe com o máximo de profissionais que puder. Pesquise os prós e contras.

Sensibilidade é fundamental mas, negócio não é feito de "achismo". A planificação das idéias minimiza erros e cria alertas para detalhes fundamentais. Culturalmente, o brasileiro não tem o hábito de planejar. Esse é um dos principais fatores do alto índice de mortalidade das novas e consolidadas empresas. Avalie em números se o negócio é sustentável e quais são as perspectivas. Rentabilidade é a palavra-chave para um negócio e ela deve ser superior ao custo do dinheiro.

Segundo: Conhecimento - saiba o máximo possível do universo do seu negócio. Quem são os prováveis clientes e fornecedores e como se comportam.

Terceiro: Cultura - fomenta, desde o início, a cultura da eficiência. Manter e agregar colaboradores competentes torna a empresa eficiente. O proprietário do negócio deve ser o empreendedor e buscar aliar-se a equipes de colaboradores multidisciplinares. O conhecimento multidisciplinar é fundamental para a reciclagem e sobrevivência da empresa.

Quarto: Disciplina - ser perseverante é diferente de ser insistente. Uma empresa de sucesso tem disciplina e se mantém firme aos seus conceitos. Ter foco é questão de disciplina, assim como ser ético também. Empresas e colaboradores afinados em seus valores fundamentais se tornam extremamente eficientes.

**SP** - Qual o segredo para sobreviver e estar em dia com o fisco?

**Douglas** - A avaliação de sobrevivência deve ser feita através de um único paralelo que é o risco. A fórmula básica de qualquer ne-

*Em uma economia globalizada, sempre que um grande espirra, o pequeno fica gripado.*

gócio é que o lucro advém do risco, quanto maior o risco maior o lucro e vice-versa. Quanto maior o grau de dificuldade do resultado final, maior deve ser sua rentabilidade para compensar os riscos inerentes. Sendo assim, o segredo para o nascimento, crescimento e prosperidade de um negócio é conhecer efetivamente seu grau de risco e a margem de rentabilidade que se deve buscar. Se essa equação é aplicada, planejada e monitorada constantemente, o manter-se em dia com o fisco é meramente conseqüência.